



(AUTO)REPRESENTAÇÕES DA COMUNIDADE LGBTQIA+ NO CÂMPUS RIO GRANDE DO IFRS: DIÁLOGOS E RESISTÊNCIAS NUM MOSAICO DE IDENTIDADES¹

Lucia Silveira Alda ²
Vinícius Barcellos Vieira da Silveira ³
Giovana Avencurt Leitzk ⁴
Vilmar do Nascimento Rocha ⁵
Gabriel da Rosa Gonçalves ⁶

RESUMO

Apesar dos avanços na promoção da igualdade de gênero e das discussões sobre identidade e orientação sexual, continuamos imersos em uma sociedade que favorece e normaliza os padrões cisgêneros e heterossexuais, marginalizando e silenciando as experiências que fogem dessa norma socialmente aceita. Considerando que a escola reflete, em escala reduzida, a estrutura da sociedade, torna-se crucial abordar questões de gênero e sexualidade nos ambientes educacionais. Diante desse cenário, o objetivo central deste estudo é identificar, por meio de diversas perspectivas discursivas, os aspectos positivos e desafiadores enfrentados pela comunidade LGBTQIA+ no câmpus Rio Grande do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS). Nesse contexto, o trabalho visa alcançar objetivos específicos: (1) analisar os sentimentos predominantes em relação à vivência no câmpus, expressos em textos verbo-visuais e diversas formas de expressão verbal pelos membros da comunidade LGBTQIA+; (2) elaborar um perfil detalhado da comunidade LGBTQIA+ presente no câmpus Rio Grande; (3) desenvolver estratégias para lidar com os desafios enfrentados pela comunidade LGBTQIA+ dentro do ambiente acadêmico. Utilizando uma abordagem qualitativa, a pesquisa será conduzida com base nos dados coletados e gerados, a partir dos estudantes do câmpus Rio Grande do IFRS. Para isso, foram eleitos três instrumentos de coleta e geração de dados: (i) questionários, (ii) grupos de discussão e (iii) biograficines. Espera-se, com este estudo, realizar um mapeamento com características emocionais recorrentes e episódicas e elaborar um perfil compreensivo da comunidade LGBTQIA+ no câmpus, identificando os propícios e desafios indiciados nas suas verbalizações, promovendo a disseminação das conclusões para estimular debates, reflexões e, principalmente, a implementação de ações voltadas para enfrentar os desafios e promover o bem-estar da comunidade LGBTQIA+ dentro do câmpus.

Palavras-chave: LGBTQIA+, Diálogos, Resistências, Identidades, IFRS.

¹ Este artigo é resultado do projeto de pesquisa "Mostras de si: propícios e desafios indiciados nas verbalizações da comunidade LGBTQIA+ do câmpus Rio Grande do IFRS", desenvolvido com fomento do IFRS a partir do Edital PROPI n° 19/2023 - De Fomento Interno para Projetos de Pesquisa e Inovação 2024.

² Doutora em Letras pela Universidade Federal de Pelotas - RS, lucia.alda@riogrande.ifrs.edu.br;

³ Estudante do Ensino Médio Integrado ao Curso Técnico em Refrigeração e Climatização no câmpus Rio Grande do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - RS, vinicius.silveira@aluno.riogrande.ifrs.edu.br;

⁴ Estudante do Ensino Médio Integrado ao Curso Técnico em Refrigeração e Climatização no câmpus Rio Grande do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - RS, giovana.leitzk@aluno.riogrande.ifrs.edu.br;

⁵ Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - BA, vilmarrocha2@gmail.com;

⁶ Estudante do Ensino Médio Integrado ao Curso Técnico em Refrigeração e Climatização no câmpus Rio Grande do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - RS, gabriel.rosa.goncalves@aluno.riogrande.ifrs.edu.br.

INTRODUÇÃO

Apesar dos avanços em prol da igualdade de gênero e das discussões acerca de gênero e sexualidade, ainda vivemos em uma sociedade cisheteronormativa, "na qual a cisgeneridade é a norma e os padrões de comportamento heterossexuais são dominantes e todos aqueles contrários a esse padrão são estigmatizados e punidos" (Sá; Szyllit, 2021, p. 52). Atualmente, nossa sociedade considera a cisgeneridade e a heterossexualidade como padrões normais para todos, enquanto tende a marginalizar e tornar invisíveis as experiências que se desviam dessas normas. Isso se manifesta de forma estrutural, onde a imposição de um modelo hegemônico, suas práticas e seus efeitos estão profundamente enraizados na estrutura da sociedade e dão origem às formas como as pessoas se relacionam, tanto no âmbito privado quanto no público.

Isto posto, ao considerarmos sexualidades dissidentes, podemos identificar uma multiplicidade de comportamentos sexuais que diferem do esperado como padrão social (Carvalho; Barreto, 2021) e, como resultado, as pessoas que vivenciam essas identidades, a saber, pessoas denominadas LGBTQIA+, vêm sendo invisibilizadas devido à discriminação existente contra elas. O uso dessa sigla representa, segundo os posicionamentos do Movimento LGBTQIA+ brasileiro contemporâneo, lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, queers, intersexo e assexuais (Soliva; Gomes Júnior, 2020).

Compreendendo a escola como um microcosmo da sociedade (Pinto, 2014; Rocha, 2018), é imperativa a importância da discussão sobre gênero e sexualidade nos espaços educacionais. A escola é, por excelência, um dos principais espaços de formação para a cidadania e socialização de crianças e jovens (Libâneo, 2016). No entanto, apesar das múltiplas manifestações sobre o tema no cotidiano e do aumento do debate em contextos externos à sala de aula, é notável que na escola essa questão é frequentemente encarada com ressalvas. Além disso, a escola nem sempre se mostra qualificada para lidar com a diferença, principalmente no que tange às questões de sexualidade e orientação sexual. De acordo com uma pesquisa divulgada pelo Instituto Unibanco (2016), as implicações dessas dificuldades são significativas, afetando negativamente os estudantes LGBTQIA+.

Logo, é sabido que a escola ocupa um papel fundamental na questão do respeito à diversidade e, dessa forma, é essencial trabalhar a questão da identidade pois é a partir dela que reconhecemos nossas semelhanças e diferenças. Pinto (2015, p. 4) explica que "a identidade é construída pela dialética entre o que se é e o que se percebe, entretanto, o respeito



parte do respeito direto ao que o outro é e se constitui e sem julgá-lo a partir de si e do que percebe”. Nesse contexto, este trabalho buscou promover o reconhecimento das diferentes identidades dos estudantes LGBTQIA+ no câmpus Rio Grande do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) e verificar quem são e como se percebem no âmbito de uma escola pública, visando identificar, através de posições discursivas, os benefícios e os desafios da comunidade LGBTQIA+ no câmpus.

METODOLOGIA

A fim de efetivar os objetivos propostos neste trabalho, foi realizada uma pesquisa de natureza qualitativa. O universo da pesquisa foi o câmpus Rio Grande do IFRS e os participantes foram 48 estudantes que se autodeclararam pertencentes à comunidade LGBTQIA+ e manifestaram interesse em participar do estudo de maneira voluntária.

Para coletar os dados gerados, foi desenvolvido e aplicado um questionário misto, via Google Formulários, constituído por dezesseis questões de múltipla escolha e cinco questões abertas, a fim de obter relatos mais detalhados. Os questionários permitiram que os participantes tivessem mais tempo para refletir, sem a pressão de uma interação direta, o que favoreceu respostas que refletem, de maneira mais fiel, as opiniões e sentimentos dos estudantes. Ainda, o anonimato garantido pelos questionários proporcionou aos respondentes a liberdade de expressar suas opiniões sem o receio de julgamento ou retaliação, o que é particularmente relevante em contextos escolares, onde os estudantes podem hesitar em compartilhar opiniões que possam desagradar a seus colegas, professores ou equipe diretiva. Questões sensíveis, como a temática deste trabalho, são mais suscetíveis de serem abordadas com sinceridade em um questionário anônimo. No entanto, é importante estar ciente das limitações desse método, como o potencial baixo retorno de respostas (Goldberg, 2011), podendo subnotificar a realidade total da comunidade representada.

Após a coleta de dados através do questionário, foi realizada uma roda de conversa com 14 estudantes, convidados para compartilharem suas experiências e vivências se reconhecendo como da comunidade LGBTQIA+ dentro do câmpus. Além disso, durante o encontro, os participantes desenvolveram *biograficzones*, um método de coleta e geração de dados de forma verbo-textual. Esse método justifica-se pelo protagonismo dos diversos gêneros textuais/discursivos que circulam socialmente, uma vez que eles podem ser concebidos como instrumentos que instituem a possibilidade de comunicação (Bakhtin,



1997). A *biograficzone* compreende-se como uma *zine* que se interessa por contar experiências de vida e formação tendo como objetivos principais o autoconhecimento, a partilha de narrativas pessoais com outros, o trabalho com as imagens e o desenvolvimento de autoralidade (Andraus; Neto, 2011).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O primeiro bloco de perguntas do questionário foi desenvolvido com o intuito de mapear e caracterizar o perfil da comunidade LGBTQIA+ do câmpus Rio Grande, em consonância com os objetivos delineados na pesquisa. Esse segmento de perguntas gerou dados fundamentais sobre faixa etária, identidade de gênero, orientação sexual, etnia autodeclarada, nível de escolaridade, curso e ano corrente no IFRS dos participantes. Esses dados são particularmente importantes para uma compreensão mais detalhada das características sociodemográficas dos sujeitos, servindo como alicerce para as análises subsequentes sobre os desafios e acolhimentos vivenciados no âmbito do câmpus.

Em relação à faixa etária, a maioria dos participantes foi composta por estudantes maiores de idade, representando 60,42% do total. Um aspecto relevante, levantado por duas estudantes, foi o impedimento em responder ao questionário devido à exigência de assinatura do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) pelos responsáveis legais dos menores de idade. Por conta do tema, muitos estudantes sentiram receio do julgamento por parte dos seus responsáveis ao solicitarem a participação no estudo, considerando que ainda enfrentam o preconceito dentro de casa.

No que tange à identidade de gênero, destaca-se que 77,08% dos participantes se identificaram como mulheres cisgênero, enquanto 16,67% se declararam homens cisgênero, 4,17% homens transgêneros e 2,08% não especificaram. A predominância de mulheres cisgênero sugere maior disposição para participar da pesquisa, embora a participação de homens transgêneros, embora menor, seja importante para a diversidade dos resultados. Quanto à etnia, 76% dos participantes se identificaram como brancos, 12% pardos e 6% pretos. Essa distribuição levanta questões interseccionais, pois pessoas negras e pardas na comunidade LGBTQIA+ enfrentam desafios específicos de discriminação e inclusão, evidenciando a subrepresentação desse grupo na amostra, que compõe apenas 18% do total.



A orientação sexual revelou 55,1% dos participantes como bissexuais e 28,6% homossexuais, além de 6,1% pansexuais e 4,1% heterossexuais. A diversidade das identidades sexuais é notável, enquanto a escolaridade indica que 97,9% estão no Ensino Médio Integrado ao Técnico, com maior representação no curso de Geoprocessamento (38,3%). Na análise por ano escolar, 38,3% dos participantes estão no quarto ano, sugerindo que os estudantes em estágios mais avançados de seus cursos tendem a estar mais engajados ou mais confortáveis em participar de pesquisas, possivelmente devido à maior familiaridade com o ambiente acadêmico e suas demandas, além de não precisarem de autorização para participarem do estudo.

Isto posto, traçou-se um perfil demográfico específico entre os participantes, destacando-se uma amostra majoritariamente composta por mulheres cisgênero acima de 18 anos. A maioria se identifica como branca e bissexual, representando diversidade de orientação sexual, mas pouca diversidade racial. Em termos educacionais, os participantes são predominantemente estudantes de Ensino Médio Integrado ao curso Técnico, com uma forte concentração nos cursos de Geoprocessamento, Fabricação Mecânica e Automação Industrial, apontando para um grupo relativamente homogêneo em alguns aspectos, como a identidade de gênero e a etnia, enquanto destaca uma diversidade significativa em termos de orientação sexual.

Na segunda seção do questionário, os estudantes foram indagados sobre seus conhecimentos prévios acerca dos termos "cisheteronormatividade" e "LGBTfobia", conceitos essenciais para compreender as dinâmicas de poder, opressão e exclusão que afetam a comunidade LGBTQIA+ tanto dentro quanto fora do ambiente escolar. Além disso, ao avaliar o nível de entendimento dos estudantes sobre esses conceitos, podemos identificar possíveis lacunas no conhecimento e na conscientização, o que deve orientar intervenções educativas mais eficazes. Em relação ao conceito de cisheteronormatividade, os dados indicam que 45,83% dos participantes têm conhecimento pleno sobre o termo, enquanto 31,25% reconheceram o termo sem conseguirem defini-lo. Em contrapartida, 85,42% entendem o conceito de LGBTfobia, indicando maior conscientização sobre o tema.

Na terceira seção do questionário objetivamos analisar as condições de segurança e conforto vivenciadas pelos estudantes LGBTQIA+ no ambiente escolar, fundamentais para compreender as dinâmicas de inclusão e os desafios enfrentados por esses indivíduos. Para tanto, buscamos investigar a percepção dos alunos do câmpus Rio Grande em relação à



proteção, pertencimento e segurança, tanto nas interações cotidianas quanto em situações específicas dentro do câmpus.

Através da análise dos dados coletados, identificamos que 62,5% dos participantes já sofreram algum tipo de violência verbal ou física motivada por questões de orientação sexual ou gênero durante a vida, indicando que a violência contra a comunidade LGBTQIA+ é, lamentavelmente, uma experiência comum. Além disso, considerando que a escola deveria ser um lugar seguro e inclusivo para todos, em se constituindo por um espaço fundamental para o desenvolvimento intelectual, social, e emocional dos estudantes, 26,67% dos estudantes relataram terem sofrido essas violências dentro do câmpus. Isso sugere que, embora o câmpus seja relativamente mais seguro que outros ambientes, ainda existem espaços que precisam ser urgentemente abordados. Embora 54,17% se sintam seguros no câmpus, 43,75% mencionaram que essa sensação varia conforme o ambiente em que se encontram, indicando que algumas áreas do câmpus podem ser percebidas como menos seguras. Ainda, 2,08% dos estudantes declararam não se sentirem seguros no câmpus, evidenciando áreas de vulnerabilidade e a necessidade de melhorias.

Ambientes como o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidade (NEPGS), um núcleo de ações afirmativas que configura-se em um setor propositivo e consultivo que estimula e promove ações de Ensino, Pesquisa e Extensão orientadas à temática da educação para a diversidade de gênero e sexualidade, apresentou-se como um dos ambientes mais acolhedores dentro do câmpus. Por outro lado, áreas como ginásio esportivo (21,28%) e banheiros (19,15%) apresentam índices de desconforto, alertando para um olhar mais crítico nesses ambientes. Dessa forma, considerando os dados mencionados, verificamos a demanda em implementar ações mais efetivas para garantir um ambiente seguro e inclusivo, promovendo a proteção emocional e psicológica de todos os estudantes.

Na segunda etapa do estudo, após a aplicação do questionário misto, foi realizada uma roda de conversa para aprofundar a compreensão das vivências e experiências dessa comunidade. Neste encontro, que proporcionou um espaço de diálogo aberto, participaram quatorze estudantes que compartilharam tanto experiências positivas quanto negativas relacionadas à sua trajetória de autoaceitação, descobrimento de suas orientações sexuais e identidades de gênero. Durante a roda de conversa, os participantes relataram episódios que revelam os desafios enfrentados no ambiente escolar anterior ao ingresso no IFRS, como casos de bullying e discriminação. Um dos relatos que mais emocionou o grupo foi o de um

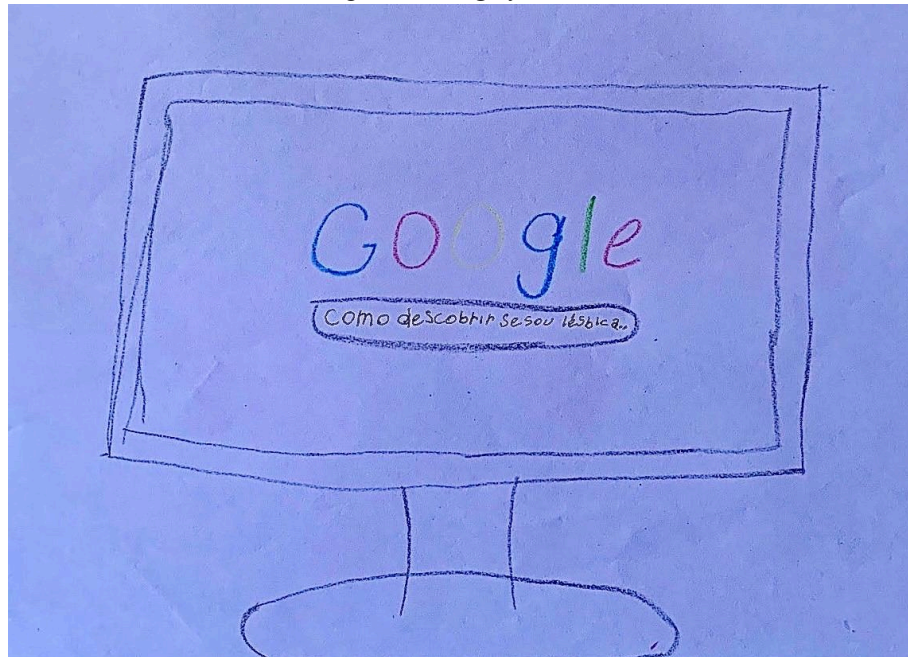
estudante que, durante o ensino fundamental em uma escola particular, vivenciou uma cultura escolar predominantemente conservadora, onde sofreu com violências explícitas sendo chamado de “viadinho” e “bichinha”. Esse tipo de violência verbal contribuiu para um ambiente hostil que reforça a marginalização de estudantes LGBTQIA+.

No entanto, também emergiram relatos positivos, sobretudo em relação à vivência dentro do câmpus Rio Grande do IFRS, que foi amplamente descrita como uma transição para um ambiente mais acolhedor. Muitos estudantes destacaram a maior sensação de pertencimento e segurança no câmpus, ressaltando a diferença em relação às escolas anteriores, principalmente nos espaços das escolas públicas, onde enfrentaram maior discriminação. Esse espaço de troca permitiu uma maior conexão entre os participantes, que, por compartilharem experiências semelhantes, desenvolveram uma sensação de intimidade e apoio mútuo. As discussões também revelaram como as redes de amizade e suporte, formadas dentro do câmpus, desempenharam um papel fundamental no bem-estar emocional e no enfrentamento das dificuldades.

Após os diálogos entre os estudantes, foi iniciado o processo de elaboração das *biograficzines*, no qual os participantes tiveram a oportunidade de expressar suas experiências e vivências através de desenhos, pinturas e outras formas de expressão artística que desejassem. Esse momento criativo proporcionou uma forma adicional de narrar suas trajetórias, consolidando o espaço como não apenas um ambiente de escuta, mas também de criação. Essa estratégia permitiu que os estudantes compartilhassem suas histórias de forma autêntica, trazendo à tona experiências de vida, contribuindo para o registro de memórias e histórias que poderiam ser perdidas ou ignoradas. Ao documentar experiências pessoais e sociais, *biograficzines* funcionam como arquivos alternativos que capturam uma diversidade de perspectivas.

Abordando os resultados obtidos diante das produções artísticas, duas chamaram especialmente a atenção. A primeira produção (Figura 1) apresenta o retrato de uma estudante que relatou ter recorrido à internet para buscar respostas e compreender melhor sua orientação sexual, digitando a frase “como descobrir se sou lésbica”, no Google. Essa *biograficzine* não apenas representa um cenário de busca por autoconhecimento, mas também destaca a experiência solitária vivida por muitos jovens LGBTQIA+ que, ao perceberem que não se enquadram nos padrões cisheteronormativos, enfrentam a necessidade de reconhecer sua identidade de forma independente.

Figura 1 – Biograficizine 1



Fonte: Estudante do IFRS câmpus Rio Grande (2024)

Utilizar o acesso à internet como ferramenta de autoentendimento revela uma significativa lacuna de apoio familiar e social, evidenciando a ausência de referências afirmativas tanto no ambiente pessoal quanto escolar. Essas referências são fundamentais para facilitar o processo de descoberta, conhecimento e aceitação pessoal de jovens LGBTQIA+, que frequentemente não encontram um ambiente acolhedor para explorar sua identidade com segurança. Na prática, a internet torna-se um espaço de referência, onde jovens LGBTQIA+ encontram informações e representações que validam suas experiências e lhes oferecem um senso de pertencimento e entendimento. Contudo, essa busca por autoconhecimento on-line, embora acessível, é uma experiência que, em muitos casos, ocorre de forma isolada, intensificando sentimentos de solidão e insegurança, uma vez que não substitui o apoio emocional direto e presencial de familiares e amigos.

A segunda produção destacada (Figura 2) foi um quadrinho criado por uma estudante, que retrata um episódio recorrente e desafiador de falta de apoio e compreensão de familiares. No primeiro quadro, a sogra de uma das estudantes é representada com a fala “Eu acho que vocês estão confundindo as coisas!”, sinalizando a ausência de reconhecimento do relacionamento entre elas e sugerindo que o vínculo entre as duas meninas é interpretado apenas como amizade, invisibilizando o amor lésbico. Esse tipo de reação reflete uma visão frequentemente enfrentada por casais formados por mulheres, em que o afeto entre elas é deslegitimado e reduzido a uma simples amizade, um reflexo do preconceito e da falta de

entendimento sobre a diversidade de orientações afetivo-sexuais, inclusive dentro do ambiente familiar.

Figura 2 - Biograficizine 2



Fonte: Estudante do IFRS câmpus Rio Grande (2024)

No quadro seguinte, as estudantes se desenharam de mãos dadas, representando seu orgulho, ao lado da bandeira lésbica. Essa representação visualiza a celebração de uma relação baseada no respeito e apoio mútuo, em oposição às tentativas de invalidação externa. Através dessa obra, a estudante destaca a importância de uma relação positiva para a construção da identidade, desafiando os estigmas sociais e afirmando a legitimidade de seu relacionamento, independentemente da aceitação familiar.

Esses relatos e criações complementam os dados obtidos no questionário, oferecendo uma visão mais profunda das vivências dos estudantes LGBTQIA+ e destacando tanto as barreiras que ainda precisam ser superadas quanto as conquistas em termos de acolhimento e inclusão no ambiente acadêmico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo identificar, por meio de posições discursivas, os desafios e acolhimentos vivenciados pela comunidade LGBTQIA+ no câmpus Rio Grande do IFRS, com foco em examinar as percepções de pertencimento, segurança e aceitação dentro



do ambiente escolar. A investigação centrou-se na experiência dos estudantes LGBTQIA+, visando compreender tanto as dificuldades quanto os apoios e iniciativas inclusivas da instituição. A análise qualitativa revelou áreas de vulnerabilidade, onde preconceitos e discriminações impactam negativamente a vivência acadêmica, destacando a necessidade de intervenções institucionais mais robustas. Simultaneamente, o estudo evidenciou iniciativas que promovem um ambiente mais inclusivo, como redes de apoio, exemplificadas pelo NEPGS, que contribuíram para a diversidade e respeito no câmpus.

O perfil demográfico dos participantes revelou uma predominância de mulheres cisgênero, brancas e bissexuais, sugerindo diversidade sexual, mas homogeneidade em gênero e raça. Essa configuração indica progressos na inclusão de diferentes orientações, mas ressalta desafios em relação à diversidade racial, com subrepresentação de estudantes negros. A participação limitada de homens bissexuais e a maior disposição de mulheres bissexuais para responder ao questionário evidenciam barreiras que restringem a inclusão plena de certos grupos LGBTQIA+.

Os dados sobre o conhecimento prévio dos estudantes sobre cisheteronormatividade e LGBTfobia indicam lacunas significativas, especialmente no entendimento da primeira, o que dificulta o reconhecimento das formas sutis de discriminação no cotidiano escolar. Embora a LGBTfobia seja um conceito mais reconhecido, sua compreensão ainda é superficial entre alguns alunos. Portanto, é urgente capacitar os estudantes para identificar e enfrentar atitudes discriminatórias.

Os desafios enfrentados incluem desconforto e insegurança em espaços como banheiros e áreas de convivência, que deveriam ser locais de socialização, mas se tornam fontes de ansiedade. Embora muitos participantes relatam sentir-se protegidos, a variação na sensação de segurança destaca a necessidade de uma revisão crítica das políticas institucionais. A segurança no câmpus deve ser uma garantia universal, e a instituição deve adotar uma abordagem proativa, incluindo a revisão de infraestruturas e a implementação de políticas inclusivas.

Os sentimentos de pertencimento e orgulho entre os participantes indicam a eficácia de iniciativas do NEPGS, que oferece um espaço seguro para a expressão das identidades LGBTQIA+. No entanto, a persistência de sentimentos de exclusão revela desafios a serem superados, como a falta de participação de certos grupos e insuficiência de políticas



abrangentes. Para mitigar os desafios, é essencial adotar uma abordagem integrada que combine as atividades do NEPGS com políticas institucionais claras.

A implementação de uma linguagem neutra nas comunicações institucionais surgiu como uma demanda fundamental para promover inclusão e respeito. Além disso, a revisão das políticas do uso dos banheiros e o fortalecimento do suporte psicológico são medidas cruciais para garantir a segurança de todos os estudantes. A formação continuada da comunidade acadêmica em questões de gênero e sexualidade é imperativa para criar um ambiente inclusivo.

A promoção de uma cultura institucional inclusiva deve ser prioridade de toda a administração do câmpus. Por fim, a educação para a diversidade deve ser central no desenvolvimento de uma escola inclusiva, visando promover a empatia e compreensão mútua. Incorporar esses princípios no currículo e nas práticas pedagógicas é fundamental para formar cidadãos conscientes e críticos. Espera-se que, a partir dos resultados deste estudo, o câmpus Rio Grande do IFRS avance na promoção de um ambiente educacional que valorize a diversidade, assegurando que cada estudante se sinta parte integrante da comunidade acadêmica. Consideramos que o compromisso com a diversidade é essencial para a construção de uma sociedade mais igualitária e acolhedora.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) - Câmpus Rio Grande, a partir do Edital PROPI Nº 19/2023 - Fomento Interno para Projetos de Pesquisa e Inovação 2024.

REFERÊNCIAS

ANDRAUS, G.; NETO, E. dos S. Dos zines aos biograficzines: narrativas visuais no processo de formação continuada de docentes-pesquisadores. In **Imaginário**: humor, quadrinhos, games e fanzines, João Pessoa/PB, n. 1, out. 2011.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria E. G. G. Pereira. 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.



CARVALHO, A. A. de; BARRETO, R. C. V. A invisibilidade das pessoas LGBTQIA+ nas bases de dados: novas possibilidades na Pesquisa Nacional de Saúde 2019. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, n. 9, set. 2021.

COELHO, F. C. B. de. **Construção identitária e(m) comportamentos na sala de aula**: o agenciamento da palavra em dois grupos (um alemão, um brasileiro). 2011. 266 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. Rio de Janeiro: Record, 2011.

INSTITUTO UNIBANCO. Silêncio da escola em relação à diversidade sexual prejudica a todos. **Aprendizagem em foco**, n. 11, mai. 2016. Disponível em: <https://cdnportaliuprd.portalinstitutounibanco.org.br/wp-content/uploads/2016/08/Aprendizagem_em_foco-n.11.pdf>. Acesso em: 10 out. 2023.

LIBÂNEO, J. C. Políticas educacionais no Brasil: desfiguramento da escola e do conhecimento escolar. **Cadernos de Pesquisa**, v. 46, n.159, p.38-62, jan./mar. 2016.

PINTO, V. H. de O. A escola como microcosmo da sociedade: práticas reprodutivas e inclusivas. **Anais I CINTEDI**. Campina Grande: Realize Editora, 2014.

PINTO, V. H. de. O. Desconstruindo a heteronormatividade e a valorização da diversidade em favor da liberdade. **Anais XI CONAGES**. Campina Grande: Realize Editora, 2015.

ROCHA, V. do N. **Representações didático-discursivas dos sujeitos inseridos no processo de escolarização na modalidade EJA EAD**: um olhar para o Sesi como locus da pesquisa. Orientador: Diógenes Cândido de Lima. 160 f. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2018.

SÁ, N. N. de.; SZYLIT, R. Cisheteronormatividade e luto na experiência familiar da pessoa não-cisgênero. **Pathos**: Revista Brasileira de Práticas Públicas e Psicopatologia, v. 7, n. 1, 45-72, jun. 2021.

SOLIVA, T. B; GOMES JUNIOR, J. Entre vedetes e “homens em travesti”: um estudo sobre corpos e performances dissidentes no Rio de Janeiro na primeira metade do século XX (1900-1950). **Locus**: Revista de História, [S. l.], v. 26, n. 1, p. 123–148, 2020.